

**INSTITUTO FEDERAL GOIANO  
CAMPUS MORRINHOS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**KAREN HEILING**

**A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA INCENTIVO  
DA LEITURA NA PRIMEIRA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Morrinhos – GO  
2017**

**KAREN HEILING**

**A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA INCENTIVO  
DA LEITURA NA PRIMEIRA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano Campus Morrinhos como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Elias Borges.

**Morrinhos – GO  
2017**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/IF Goiano Campus Morrinhos**

H466l Heiling, Karen.

A literatura infantil com prática pedagógica para incentivo da leitura na 1ª fase do ensino fundamental. / Karen Heiling. – Morrinhos, GO: IF Goiano, 2017.

42 f.

Orientador: Dr. Ronaldo Elias Borges.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal Goiano Campus Morrinhos, Licenciatura em Pedagogia, 2017.

1. Literatura infantil. 2. Formação de leitores. 3. Leitura.  
I. Borges, Ronaldo Elias. II. Instituto Federal Goiano. Curso de Licenciatura em Pedagogia. III. Título

CDU 37:82-93

KAREN HEILING

**A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA INCENTIVO  
DA LEITURA NA PRIMEIRA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia defendida no Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, aprovada em 17 de março de 2017, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Ronaldo Elias Borges – IF Goiano – Campus Morrinhos  
Presidente da Banca

---

Prof. <sup>a</sup> Dra. Thelma Maria Moura Bergamo – IF Goiano – Campus Morrinhos  
Membro

---

Prof. <sup>a</sup> Ma. Ilma Célia de Paiva Moura – IF Goiano – Campus Morrinhos  
Membro

Dedico este trabalho em memória de Claudio Heiling, meu pai sua capacidade de acreditar e investir em mim.

À Marilene Heiling, minha mãe, exemplo primeiro de amor pelas letras e pela educação. Pai, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinha nesta caminhada. Sei que onde estiver vai estar sempre ao meu lado.

Mãe, seu cuidado e dedicação foram os incentivos que me deram a força para seguir sempre em frente.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelas bênçãos da saúde e força para superar as dificuldades.

Ao meu orientador, Professor Dr. Ronaldo Elias Borges, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e paciência.

A todos os outros professores, que proporcionaram o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da Educação no processo de formação profissional. Pela dedicação e profissionalismo daqueles que não se limitaram a me ensinar, mas que propiciaram que eu aprendesse valiosos ensinamentos para minha vida e carreira profissional. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados que, mesmo sem nominar, terão os meus eternos agradecimentos.

Os livros não matam a fome, não suprimem a miséria, não acabam com as desigualdades e com as injustiças do mundo, mas consolam as almas e fazem-nos sonhar.

Olavo Bilac

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a literatura infantil como meio de facultar o desenvolvimento do hábito da leitura aos educandos dos anos da 1ª Fase do Ensino Fundamental, identifica o papel do professor como formador de novos leitores, destacando quais são as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento do hábito de leitura. Pretende-se estudar o papel da literatura infantil como prática pedagógica que incentive a leitura no primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Por meio de pesquisa bibliográfica foi possível desenvolver esse estudo. É sabido dos recorrentes problemas no país acerca da educação envolvendo a leitura que se apresentada sem pontuação, sem compreensão do conteúdo lido, sendo um fator para que o educando não demonstre interesse em ler. A literatura infantil traz livros com ilustrações mais atraentes, devido ao uso dos recursos tecnológicos, com um enorme e variado conteúdo de temas em histórias que encantam os pequenos iniciantes na atividade de ler. Cabe ao educador incentivar, estimular a curiosidade de cada educando, para que ele possa progredir no mundo da leitura, fazendo dessa atividade um hábito de contentamento e não o cumprimento de uma tarefa escolar.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Formação de Leitores. Leitura.

## **ABSTRACT**

This paper aims to present children's literature as a means of enabling the development of the reading habit to learners of the first phase of elementary school, identifies the role of the teacher as a trainer of new readers, highlighting the contributions of storytelling For the development of the habit of reading. The theme of the research is to carry out a study about the role of children's literature as a pedagogical practice that encourages reading in the first cycle of elementary school. Through bibliographic research it was possible to develop this study. It is well known that there are recurring problems in the country about reading education that is presented without punctuation, without understanding the content read, and is a factor so that the student does not show interest in reading. Children's literature brings books with more attractive illustrations, due to the use of technological resources, with a huge and varied content of themes in stories that enchant the young beginners in the activity of reading. It is up to the educator to encourage, to stimulate the curiosity of each student, so that he can progress in the world of reading, making this activity a habit of contentment and not the accomplishment of a school task.

Keywords: Children's Literature. Training of Readers. Reading.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1 – BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL.....</b>	<b>11</b>
1.1 Como surgiu a Literatura Infantil.....	14
1.2 O início da Literatura Infantil no Brasil.....	16
<b>2 – CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES.....</b>	<b>20</b>
2.1 A relevância da contação de histórias em casa: os primeiros passos para a leitura.....	21
2.2 A prática pedagógica da contação de histórias na escola: a alfabetização e as séries da 1ª Fase do Ensino Fundamental.....	23
<b>3 – EDUCAÇÃO INFANTIL AO 5º ANO DA 1ª FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL: TRABALHANDO A LEITURA.....</b>	<b>28</b>
3.1 A sala de aula é espaço para leitura em todos os anos da 1ª Fase do Ensino Fundamental.....	28
3.2 A Literatura Infantil na contemporaneidade: um valioso instrumento nas mãos de educadores e educandos para solucionar problemas.....	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

A leitura deveria ser uma prática diária nas salas de aula de todos os anos desde os iniciais da Educação Infantil, até o ano final da 1ª Fase da Educação Fundamental. As primeiras histórias são contadas ainda em casa por parentes e entes próximos a criança, criando e fortalecendo em conjunto com uma série de outros elementos, os laços afetivos. Ao iniciar sua vida escolar, a criança começa a desenvolver o processo de aprendizagem da leitura e escrita, possibilitando-lhe ler uma história sem um mediador, passa de ouvinte para leitor.

O objetivo desse estudo é apresentar a literatura infantil como meio de facultar o desenvolvimento do hábito da leitura aos educandos dos anos da 1ª Fase do Ensino Fundamental, identificar o papel do professor como formador de novos leitores, destacando quais são as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento do hábito de leitura. O tema da pesquisa foi um estudo sobre o papel da literatura infantil como prática pedagógica que incentive a leitura no primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Por meio de pesquisa bibliográfica foi possível desenvolver esse estudo.

No Brasil, existem problemas recorrentes que afetam o processo de aprendizagem da leitura. Dentre eles, pode ser mencionada a evasão escolar; a falta de acervo adequado nas escolas e/ou a subutilização desse material quando existente; a falta de formação leitora dos pais e dos cuidadores infantis; o preço dos livros e materiais paradidáticos infantis em descompasso com a situação socioeconômica da maior parte da população e o despreparo dos professores para lidar com todas essas adversidades internas ou externas ao ambiente escolar. Tudo isso salienta a necessidade de se refletir com seriedade sobre a questão da formação de leitores.

Do conjunto de materiais capazes de despertar o hábito da leitura nos alunos, os livros literários destacam-se por sua aceitação e capacidade única de seduzir e encantar por meio de vários recursos como as cores, as imagens, os sons, as texturas, as ilustrações e por fim, as palavras exploradas semanticamente de modo a estimular a imaginação criadora dos pequenos aprendizes. Essa literatura, graças a sua capacidade única de permitir experiências individuais, também

contribui para a formação de opiniões facultando meios de expressá-las. Graças a essas histórias, a criança entra em contato com outras realidades e experiências que somadas às próprias auxiliam muito para sua formação pessoal e cultural o que se traduz, em última instância, em um posicionamento social e político no futuro.

Assim, dividimos nosso texto em três momentos distintos: No primeiro, examinamos a história da literatura infantil, as origens e o início desse gênero no Brasil. No segundo, destacamos as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento do hábito de leitura nas crianças, seja ela em casa ou na sala de aula. No último capítulo, voltamos nosso olhar sobre o espaço da sala de aula e as atividades de leitura mediadas pela literatura infantil.

Ao final deste estudo, constatou-se que a literatura infantil se configura, hodiernamente, como instrumento precioso e acessível aos educadores, tornando-se essencial sua exploração para que se promovam experiências de leituras prazerosas e, com isso, consiga-se desenvolver cada vez mais esse hábito em nossas crianças.

## 1 BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil é uma ferramenta imprescindível nas mãos de educadores da 1ª Fase do Ensino Fundamental, desde a alfabetização no 1º Ano, para que os educandos desses anos se tornem leitores desejosos da prática da leitura. Segundo Silva; Barros e Nascimento (2012), as primeiras histórias são conhecidas dentro de casa, de maneira informal, sendo contadas para crianças bem pequenas. Mais tarde, na escola, a partir do processo de alfabetização e nos anos letivos seguintes, tais narrativas passam a ser lidas pelos próprios alunos e são importantes como forma de incentivo à formação desses leitores no futuro.

Além disso, por meio das obras de literatura infantil, a criança poderá lidar com temas que para ela são ainda incompreensíveis. Segundo Bettelheim (2002) não há uma idade cronológica que torna um indivíduo totalmente capaz de interpretar os significados do mundo que o cerca. Logo, a criança tem tanto a necessidade quanto a capacidade de conhecer esse mundo por meio também das histórias. É dele o livro “A Psicanálise dos contos de fadas” em que aponta a relevância da leitura para a criança, e por ela mesma, desse gênero de histórias, uma vez que tais contos ajudam as crianças a desenvolverem habilidades para relacionarem-se com outros, entendendo melhor regras de convivência em grupo.

É muito importante entender a literatura infantil como meio para despertar a vontade de ler. Ela contribui muito para a criação do hábito da leitura nas crianças e precisa ser apresentada aos pequenos ainda ao ingressarem na escola e iniciarem o processo de aprendizagem da leitura, uma vez que é fácil observar o quanto essas crianças demonstram grande satisfação ao ouvirem histórias, sendo beneficiadas com o desenvolvimento “cognitivo, intelectual, emocional e social.” (BARROS, 2013, p.07)

Apesar de sua inegável importância, a própria existência de uma literatura infantil já foi questionada por estudiosos, críticos e escritores. Para o mineiro Carlos Drummond de Andrade, não haveria especificamente esse gênero de histórias para crianças, uma vez que histórias encantam, trazem conhecimento cultural e enriquecem a vida como um todo, seja para as crianças como para os adultos. Segundo o autor:

O gênero 'literatura infantil' tem a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado a crianças, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte? Ou será literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado - porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação é a própria infância? (ANDRADE, 1994, p. 220).

Até a Idade Média, segundo Scharf (2000), a criança não era sequer vista como ser com direitos especiais e com existência social. Vista como pertencente a família, trabalhava e recebia o mesmo tratamento dos adultos. Naquela época, a palavra infância não tinha qualquer significado. Dos séculos XVII ao XIX, a criança passou a ser reconhecida com outro olhar. Porém, as histórias infantis produzidas eram de cunho religioso.

Nessa mesma época, surgiram as primeiras obras com caráter educativo e foi nesse momento que

os primeiros livros infantis foram produzidos e especificamente escritos como literatura para criança ao final do século XVII e durante o século XVIII. Os primeiros textos são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo, aproximando assim a instituição escolar e o gênero literário (SCHARF, 2000, p. 23).

Segundo Goés (1991) é certo que o gênero literatura infantil existe e é considerado em muitos países desenvolvidos como uma produção rentável nos meios gráficos em razão da larga produção e comercialização dos livros literários. As obras literárias infantis são mantidas nas livrarias atualmente, em espaços cada vez mais lúdicos. Nesse ambiente, geralmente aconchegante e convidativo, há livros coloridos e bem ilustrados, repletos de conteúdos que distraem e atraem crianças cada vez mais novas.

Há opiniões divergentes em relação ao gênero literatura infantil. Se para alguns, é um instrumento didático-pedagógico, para outros, uma fonte de obtenção de recursos enquanto mercadoria valiosa com público certo e garantido. Há, ainda, aqueles que a consideram uma forma de arte. Segundo Cagneti, ela é,

[...] antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (CAGNETI, 1996 p.7)

Para aqueles que defendem a existência de uma literatura única que destinada ou não para crianças, a palavra literatura não necessita de adjetivo “infantil” para explicar ou complementar o seu significado. Literatura é considerada uma expressão de arte e, dessa forma o complemento “infantil” não determina que essa literatura seja criada somente ou exatamente para crianças. Como qualquer outro gênero literário, esse em destaque, se dirige a quem o aprecia. “A literatura infantil tem como parâmetros contos consagrados pelo público mirim de diferentes épocas que, por terem vencido tantos testes de recepção fornecem referências à criança” (SILVA, BARROS, NASCIMENTO, 2012, p. 03).

As histórias podem levar a criança a descobertas, compreensões de conceitos abstratos, desenvolvimento de aprendizados e saberes, por meio da exploração de seu caráter lúdico, unindo realidade e fantasia em uma linguagem de fácil compreensão para as crianças. Isso é de grande riqueza e fará parte de suas vidas futuras, tanto a escolar quanto aquela vivida fora dos muros da escola (PAÇO, 2009).

A construção do conceito de literatura infantil é sedimentada a partir das mudanças socioeconômicas sofridas pela sociedade. Quando a criança é reconhecida na sociedade em que participa, surge um novo espaço para ela, com elementos que vão se tornando comuns ao universo infantil. Esse processo tem início no século XVIII, com a ascensão da burguesia. Surge, conforme Barros (2013), um novo olhar em relação à criança que passa a ser vista como um indivíduo dentro de sua fragilidade e necessidade de proteção e cuidados.

O conceito de literatura infantil é evidenciado por Meireles (1979) que destaca que são as próprias crianças que escolhem os assuntos preferidos:

Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas (crianças) se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil “a priori”, mas “a posteriori” (MEIRELES, 1979, p. 19).

Na trajetória de conceituar a literatura infantil, Lourenço Filho afirma que as histórias para crianças deixaram de serem adaptações das histórias de adultos, havendo escritores que se dedicaram exclusivamente ao público infantil, ressaltando que a necessidade de reconhecer esse gênero de literatura surgiu ao perceber-se a evolução da mesma em vários países de acordo com o desenvolvimento de cada sociedade. (LOURENÇO FILHO *apud* GÓES, 1991)

É a própria literatura infantil que viabilizará caminhos para que o educando se desenvolva, uma vez que é da denominada literatura infantil que desponta a poesia e relaciona-se ao universo da criança (CARVALHO, 1985).

Então a literatura infantil, foi fortalecida pelo conteúdo destinado a um público específico, que demonstra crescimento comprovado pelo aumento considerável de livrarias na contemporaneidade.

## 1.1 COMO SURTIU A LITERATURA INFANTIL

Quando se menciona o termo literatura infantil, é muito comum que se pense em um ramo da Literatura geral em que são produzidos textos voltados para as crianças. Como se sabe, muitas dessas histórias não foram inicialmente escritas para o público infantil. As histórias escritas tinham um cunho bem diferente do universo infantil: eram contos com teor de sátiras, criados por autores intelectuais da época para denunciar a opressão e hábitos vividos na ocasião, condutas que dominavam o povo. Na tentativa de se manterem anônimos e fugir assim do poder absolutista, esses autores camuflavam suas reais intenções sob um disfarce de fantasia. (CADEMARTORI, 1994)

Os educadores europeus, pioneiros na produção desse gênero da literatura, iniciaram a produção de obras literárias com um aspecto educativo, ficando em segundo plano o caráter lúdico desses textos. As primeiras obras mantinham uma postura educativa de domínio sobre a criança. Os autores da época que se sentiram insatisfeitos com o que leram criaram uma nova vertente, os textos informativos e formativos sob o modelo de fábulas, contos de fadas e contos folclóricos adaptados. Os contos de fadas, as fábulas se tornaram clássicos e percorrem o mundo até os dias de hoje (ZILBERMAN, 1987).

Registros históricos apontam o escritor Charles Perrault como o pioneiro na arte da literatura infantil nos anos de 1628 a 1703 ao lançar os vários livros dentre eles *Les Contes de Ma Mère / Oye* que é uma coletânea criada em 1697, traduzidas em vários idiomas, no português é conhecido como “Os contos da Mamãe Gansa” e traz as histórias: “O Barba Azul”, “Cinderela”, “O Gato de Botas” entre outros de sua autoria. Ainda na França, La Fontaine, em 1668, apresentou suas primeiras fábulas.

Na Inglaterra, os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), mais conhecidos como os irmãos Grimm publicaram, em 1812, os contos de fadas, que até os dias atuais povoam o universo infantil. O personagem Peter Pan do escritor escocês James Matthew Barrie, que surgiu no romance *Peter and Wendy*, ainda está presente no imaginário das crianças, com as histórias de aventuras criadas pelo escritor.

Outros autores surgiram com suas obras imortais como Hans Christian Andersen, autor de “O Patinho Feio”, “O Soldadinho de Chumbo”, “O Rouxinol do Imperador”; Carlo Collodi, autor de *Pinóquio*; Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo seu pseudônimo Lewis Carroll, autor do famoso *Alice nos países das maravilhas* e outros escritores mais (CADEMARTORI, 1994).

Naquela época, as obras eram praticamente iguais para adultos e crianças, não havia o elemento ilustração como afirma Zilbermann (1987):

Todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, estimulando assim, o afeto entre seus membros (p. 13).

Outro autor de grande importância para a literatura infantil foi o dinamarquês Hans Christian Andersen. Sua obra apresenta um estilo diferente em relação à linguagem e à construção de personagens. Carvalho (1982) afirma especificamente que esse autor pode ser considerado como o maior poeta da literatura infantil “por empregar em seus textos um estilo vivo e íntegro de movimento, utilizando uma linguagem encantadora, o autor conseguia dar vida a todos os seres, animando desde os objetos mais simples”.

A história da literatura infantil foi fundamentada de acordo com o desenvolvimento da sociedade em que a criança estava inserida. No começo do século XIX, com um enfoque pedagógico, demonstrou claramente a intenção de ensino das tradições culturais, valores morais, enfim, “de uma formação humanística, cívica, espiritual, ética e intelectual” (BARROS, 2013, p. 17).

Sobre a perspectiva educativa, conforme Lajolo (2002) a literatura infantil e a escola mantiveram uma união, principalmente a partir do momento que a alfabetização daria condições à criança para ler histórias.

A trajetória de construção da identidade da literatura infantil pode ser entendida como uma linguagem específica, sendo interpretada de acordo com a época em que foi concebida, traduzindo a cultura, as peculiaridades e singularidades de cada tempo, na longa jornada que a humanidade vai delineando em seu processo de constante evolução (BARROS, 2013).

## 1.2 O INÍCIO DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

A história da literatura infantil no Brasil expressou-se com mais determinação no final do século XIX, com evidentes transformações na sociedade (SANTOS, 2009).

No fim do século XIX começaram as primeiras edições de livros destinados a crianças, a literatura infantil chega com mais força no Brasil, em consequência da fundação da Imprensa Régia que permitiu as primeiras impressões desses livros que preservou a didática e a ideologia. (FONSECA, 2012).

Construiu-se uma literatura infantil no Brasil com influência europeia através da tradução de obras clássicas que já haviam sido publicadas. Com o tempo, foram utilizadas as influências indígenas e africanas dos povos que habitavam o continente, trazendo à criança histórias contadas pelas avós, onde a presença de elementos característicos dessas culturas, enriquecendo o universo das histórias infantis, como mostra o exemplo: “O contato com a cultura indígena trouxe inúmeros elementos que vieram enriquecer esse imaginário: figuras como a lara, o Minhocão, o Matitaperê e muito mais” (SCHARF, 2000, p. 28).

A partir da Proclamação da República há a construção de uma característica da literatura infantil brasileira, os livros impressos. Após a fase das

primeiras impressões de livros infantis, autores se dedicaram a escrever histórias para crianças, dentre eles Figueiredo Pimentel com “Contos da Carochinha”, “Contos pátrios” por Coelho Neto e Olavo Bilac (FONSECA, 2012).

Inúmeros autores se dedicaram a escrever para crianças no Brasil, mas o maior destaque foi José Bento Renato Monteiro Lobato ou nome artístico Monteiro Lobato:

A Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia (COELHO, 1991, p. 225).

Monteiro Lobato foi o autor que mais destacou-se na construção da literatura infantil brasileira. Nas palavras de Cunha (1983) suas obras são diversificadas, principalmente pelos interessantes personagens que habitam o “Sítio do Pica-pau Amarelo”: as crianças Pedrinho e Narizinho; Dona Benta – a avó, figura mais velha que toma conta de todos; Tia Anastácia – a cozinheira que faz delícias em sua cozinha, conhece segredos de plantas e histórias maravilhosas do passado; figuras de fantasias como Emília – uma boneca de pano que fala e é muito sabida; Visconde de Sabugosa – uma espiga de milho falante e muito culta; animais como Quindim e Rabicó (CUNHA, 1983).

Pela literatura infantil apresentada à criança desde bem cedo, os benefícios são visíveis como desenvolvimento da criatividade pela capacidade de imaginação e incentivo a leitura pela própria criança das histórias desejadas por sua curiosidade

Coelho (1991) apresenta uma trajetória da literatura infantil no país. A partir do século XX, em consequência de pesquisas acerca do desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, a literatura infantil ampliou-se recebendo conteúdos didáticos e novas linguagens. Contudo, na década de 70, a mudança para um novo olhar sobre essa literatura é marcante quando foi atribuído a essa modalidade meios de influenciar grande parte do desenvolvimento intelectual e cultural da criança e foi a partir de 1970, que o Instituto Nacional do Livro que havia sido fundado em 1937, voltou-se a um trabalho mais criterioso com o intuito de produzir obras que chamassem a atenção desse jovem leitor, devido aos baixos índices no quesito leitura que foi avaliado nas escolas da época.

A literatura infantil não perdeu, naquela época o enfoque didático, pelo contrário, ampliando dentro dos livros literários um conteúdo de sugestões aos professores de como trabalharem com aquele material, como explica Lajolo (2002):

Outra forma de adequação a esse mercado ávido, porém desabitado da leitura foi a inclusão, em livros dirigidos à escola, de instruções e sugestões didáticas: fichas de leitura, questionários e roteiro de compreensão de texto marcam o destino escolar de grande parte dos livros infanto-juvenis, a partir de então lançados, quando também se tornam comuns as visitas de autores a escolas, onde discutem sua obra com os alunos (LAJOLO, 2002, p. 123).

A história da literatura infantil brasileira foi sendo traçada, também, por outros expressivos autores como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ziraldo, Vinicius de Moraes, Clarice Lispector, Cecília Meireles, e Mário Quintana que se dedicaram em escrever para crianças. Influenciados pelos autores citados, outros se voltaram a escrever para mesmo público especialmente a partir do começo de 1980 quando houve uma grande valorização dessa modalidade textual. Os novos livros publicados ganharam mais ilustrações, o aspecto de humor e diferentes linguagens que atraíram a curiosidade da criança e sua vontade em ler o livro (FONSECA, 2012).

Os livros infantis aqui no Brasil não eram mencionados em premiações literárias, pois, não era uma categoria como a reconhecida categoria de literatura infantil reconhecida e que não se qualificava a receber prêmio algum antes da década de 1990. Em 1959, a Câmara Brasileira de Livros (CBL) concedeu um prêmio a Renato Sêneca Fleury pelo livro: “Proezas na roça”, como livro de literatura infantil. Os livros apresentaram mais qualidade nos textos, ilustrações, formato, papel e detalhes que estimulem a curiosidade das crianças em ler. As histórias infantis ganharam requinte e se tornaram mais heterogêneas, atingindo aspectos socioeconômicos e sociocultural (LAJOLO, 2010).

Foi em 1998 que a Academia Brasileira de Livros (ABL) destinou uma premiação específica para o gênero literatura infantil e juvenil, que até os dias atuais continua a premiar escritores que se dedicam à produção de histórias infantis. Autoras como Ligia Bojunga Nunes, premiada em 1982, Ana Maria Machado, premiada em 2000, foram agraciadas com o conceituado prêmio “Hans Christian Andersen”, o mais expressivo para essa categoria literária. Também foi depois do marco de crescimento, na qualidade de impressão e ilustração dos livros infantis do país, que os mesmos foram incluídos no *White Ravens Catalogue*, levando ao

mundo os livros brasileiros dessa categoria literária. Esse catálogo faz uma listagem de exemplares previamente selecionados por profissionais da educação e críticos literários da “Biblioteca Internacional da Juventude” (em Munique, Alemanha) e é lançado na prestigiada “Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha”. (LAJOLO, 2010).

A autora citada destaca que no país, as obras literárias sobre histórias infantis, chamaram atenção pela heterogeneidade apresentada, um componente na trajetória da história da literatura infantil brasileira.

Os livros literários se tornaram mais acessíveis a todas as crianças do país por incentivos de programas educativos nas escolas da rede pública e privada. Em 2012, a então Presidente Senhora Dilma Rousseff, acompanhada pelo Ministro da Educação Aloízio Mercadante, lançou o Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa, que está em andamento até hoje nas escolas do país. O principal objetivo desse projeto é a alfabetização de todas as crianças de até oito anos matriculadas em escolas públicas, promover condições para que o educando possa além de ler e escrever, interpretar textos e realizar operações básicas de matemática. Pode-se dizer então que esse Pacto visa combater o analfabetismo funcional, que vem tomando proporções alarmantes, ainda dentro das escolas (BRASIL, 2012).

## 2 CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

“Contaçon de histórias é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Se há quem ouça histórias é porque alguém está a conta-las. [...] constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita.” (MATEUS et al, 2017, p. 57).

É a literatura infantil que conduz o jovem leitor a vivenciar situações, amplia os horizontes de possibilidades, torna-o capaz de enfrentar novos desafios. Permite ainda que a criança se coloque no lugar dos personagens e possa vivenciar novos momentos e situações. Os contos de fadas, preferência de muitas crianças, são um exemplo desse aprendizado, pois, ao entrarem em contato com tais narrativas, é possível perceber mudanças comportamentais significativas na criança. Para Bettelheim (1980), a criança tem necessidade de passar por esse tipo de aprendizagem em seu desenvolvimento cognitivo e emocional:

Ouvir os contos de fada e incorporar as imagens que ele apresenta [...] pode ser comparado e espalhar sementes onde só algumas ficarão implantadas na mente da criança. [...] Algumas ficarão trabalhando em sua mente de imediato dependendo do nível de interesse, que os contos causam na criança, e o resultado da absorção do conteúdo e o processo de compreensão do mesmo (BETTELHEIM, 1980, p. 189).

Quando uma criança ouve uma história passa a perceber com entendimento, os seus sentimentos em relação ao mundo em que vive. Por meio das histórias ouvidas, ela pode alcançar lugares, épocas e diferentes modos de agir. O aprendizado se estende ao conhecimento de regras e valores, várias ciências, sempre de uma forma divertida em um momento de satisfação. Ao desenvolver um aspecto “de cara de aula. Segundo Abramovich (1993, p. 17) “[...] deixa de ser literatura, deixa de ser prazer, e passa a ser apenas didática, que é um outro departamento”

A riqueza do ouvir histórias vai além de ser um ato considerado como recreação ou forma de acalmar os alunos, recurso muito utilizado principalmente nos anos iniciais nas salas de aula da Educação infantil. É uma prática pedagógica que traz aprendizados acerca de linguagem, ampliando o vocabulário e a pronúncia

correta das palavras, trabalha também a noção temporal, os valores morais e regras, conforme os Temas Transversais.

Quando adquire o saber da leitura, já no 1º Ano da 1ª Fase do Ensino Fundamental, o educando pode desfrutar com independência dessa atividade. É a leitura que propicia ao leitor benefícios infindos e deve ser levada a criança desde a mais tenra idade pela contação de histórias e incentivada após a aquisição da alfabetização, livros de imagens. Poderá, pois, facultar ao educando meios de se tornar um cidadão crítico e analítico, com perspectivas particulares e tendo capacidade de emitir suas opiniões, examinando conceitos, argumentando, sendo criativo e desenvolvendo a socialização. Essa é uma das razões que o educador pedagogo deve reforçar a necessidade de promover o contato da criança com a literatura infantil, em forma de histórias contadas e dos livros (MEIRELLES, 2010).

A literatura infantil é nas salas de aula uma das mais úteis ferramentas no processo de ensino da leitura com o objetivo de incentivar o educando a se tornar um leitor. Praticada com o teor de ludicidade que cada série pede, respeitando cada fase da aprendizagem, incentivando a liberdade da escolha de livros que devem estar acessíveis às mãos do educando, torna-se um meio de promover o desenvolvimento pelo gosto da atividade da leitura, não sendo esta atividade apenas mais uma tarefa do currículo escolar, mas um modo prazeroso na construção do conhecimento do educando (MARAFIGO, 2012).

## 2.1 A RELEVÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM CASA: OS PRIMEIROS PASSOS PARA A APRENDIZAGEM DA LEITURA

A criança precisa ouvir histórias. Ao ouvir histórias a criança vai além de um momento de lazer, distração. Esses são instantes que despertam, pela primeira vez em sua vida, o desejo pela leitura: “Talvez o ganho mais básico seja o de fazer com que descubram o que é ler” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p. 40).

As histórias chamam a atenção da criança trazendo-lhe desenvolvimento cognitivo em amplos aspectos ao processo da aprendizagem da leitura e escrita:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1993, p.16).

A arte de contar histórias atravessa gerações, convida a humanidade através da imaginação a refletir sobre a própria vida e transformar comportamentos desafiadores. As histórias podem ser lidas ou contadas, podem transformar ou curar, mas, para que isso aconteça, é preciso a responsabilidade e a sensibilidade para saber contá-las. É isso que Busatto (2006) afirma: “A contação de histórias ou narração oral de histórias permite ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões do seu ser e da realidade que o cerca”

A criança tem necessidade de se sentir acolhida e o momento da contação de histórias dentro de casa em família, lhe proporciona o aconchego no colo da mãe, pai, avós, assim, o mundo encantado se torna possível. De maneira que, esse momento de convivência em família, para ouvir as histórias, ficará para sempre em sua memória. Uma vez que ela ainda não passou por experiências que as histórias vão lhe revelando, pede para que sejam contadas novamente. Há um vínculo sendo estabelecido por meio da afetividade construída entre quem conta a história e a criança que a ouve. Essa construção é fundamental para a vida futura da criança, pois são as primeiras noções de comportamentos éticos e valores morais. Dessa forma, a contação de histórias iniciada em casa, demonstra a riqueza de um momento curto, sua preciosidade e grandiosidade na vida de quem ainda está começando a trilhar seu caminho. (AFONSO, 2014)

Além dessas contribuições para o desenvolvimento psicossocial da criança, há o aspecto cognitivo de incentivo à leitura das histórias. Quem ouve histórias desejará ler sozinho suas histórias preferidas, pois anseia por novas descobertas. Cavalcanti (2002) afirma que a criança é inserida nesse mundo chamado de “mundo da leitura” quando é bem pequena, ainda um bebê, olhando com olhar fixo o olhar da mãe, reconhecendo dia a dia sua voz: “Assim, uma criança acalentada e embalada pela voz, [...] tem uma grande possibilidade de ser alguém potencialmente estimulado para o universo da leitura”.

É notório que uma criança no convívio com adultos que lhe proporcionem momentos de ouvir histórias, demonstre em seu comportamento a imitação dos gestos observados com atenção, das palavras ouvidas e, pelo seu modo de agir, distingue-se claramente que essa criança vai aos poucos apreendendo a “postura de leitor”, atitude de quem gosta de ler. Ações simples, que parecem sem valor, são

relevantes para o progresso da criança, que observa atenta e curiosa quem conta a história: a posição do corpo, o tom de voz, a maneira de segurar o livro, como passar as páginas, nada fica despercebido por ela. Há ampliação do vocabulário, mudanças no comportamento indicando a chegada do momento delicado do processo de aprendizagem do saber da leitura, a relevância dessa atividade para a formação da criança é notória: “Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1991, p. 16).

A leitura das frases e palavras, a noção de leitura sistematizada, acontece antes mesmo da criança se tornar um educando em uma escola. A leitura não está vinculada apenas ao processo de decifração dos símbolos ou signos (letras), mas, sobretudo, à capacidade que o novo leitor tem de dar sentido aos símbolos ou signos que lê, compreendendo-os e não somente no exercício mecânico de decifrá-los. Paulo Freire (1994) ressalta que: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

A contação de histórias como uma atividade recreativa, entretenimento, continua sendo um meio de estreitar laços afetivos entre a família e a criança que, atenta, ouve as histórias contadas. São momentos que ela irá carregar por sua vida, na construção da sua história. Levará consigo para a escola, quando iniciará formalmente o processo de aprendizagem da leitura.

## 2.2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: A ALFABETIZAÇÃO E OS ANOS DA 1ª FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Na escola, como prática pedagógica, a contação de histórias é um momento que interessa o educando tanto dos anos iniciais quanto da 1ª Fase do Ensino Fundamental, momento de consolidação do processo de alfabetização. Junto aos jogos, danças, brincadeiras, a contação de histórias deve ser presente, facultando a aprendizagem por meio dessa estratégia (SOUZA; BERNARDINO, 2011). Os livros literários como meio de entretenimento sempre foram utilizados na escola. Nas séries da fase da Educação Infantil, 1º e 2º Ano da 1ª Fase do Ensino Fundamental, é comum ver livros de histórias em cantinhos da sala de aula, ou em “varais”, para que as crianças tenham acesso aos livros. Dessa forma, é

relevante a avaliação por parte do educador pedagogo, acerca da maneira como é feito o trabalho em sala de aula sobre o conteúdo leitura (MARAFIGO, 2012).

Durante a atividade de ouvir histórias na escola, o educando poderá despertar o interesse em ler. É o começo do processo de aquisição dos saberes de leitura e escrita. Por seu aspecto lúdico, nas séries da Educação Infantil, a prática de leitura de histórias é utilizada para acalmar os educandos após atividades como a hora do recreio. Para isso, Coelho (1999) defende que esse modo de uso da contação de histórias “aquietada, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa.”

A contação de histórias para crianças dessa fase escolar trabalha com aspectos relevantes para o desenvolvimento cognitivo e emocional: instiga a curiosidade, estimula o imaginário e amplia os conhecimentos quando lida com emoções e sentimentos como tristeza, alegria, raiva, medo, perda, ganho, dentre outros. Dessa forma, a criança poderá lidar com conflitos e emoções que ainda não sabe expressar por meio da linguagem falada. Além disso, as histórias ouvidas nos anos iniciais podem gerar o gosto pela leitura:

Na educação infantil as histórias despertam nas crianças desde pequenas, gostos e valores, pois quando se conta uma história têm-se vários objetivos entre eles, ensinar, instruir, educar e divertir. É na infância quando a criança está nesta fase de desenvolvimento e descobertas que se deve proporcionar este contato com os livros, fazendo com que ela perceba que através deles ela pode aprender a escrever, a imaginar, a pensar e a descobrir o mundo (RIBEIRO, 2010, p. 05-07).

O trabalho de contar histórias deveria fazer parte das atividades diárias das salas de aula dessa fase. Contudo, esse momento vai sendo deixado de lado nos anos posteriores, onde o educando tem uma participação maior no processo da alfabetização.

É muito comum essa prática na Educação Infantil, onde os alunos ainda não dominam a tecnologia da escrita, apenas são capazes de ler a linguagem oral, imagens, gestos e o que está em seu entorno. Porém, no decorrer da escolarização posterior, essa prática raramente ocorre e deixa a desejar. O que se verifica é o domínio da leitura de textos escritos sobre as demais práticas, dentre estas a de contar histórias. Entendemos como importante que os professores, de todos os anos escolares, (re) conheçam a prática de narrar histórias como uma prática de leitura fundamental para a formação dos alunos enquanto leitores. Todavia é indispensável que essa importância não fique só no discurso. Ela deve ser tecida no dia a dia escolar, ano após ano (RAMOS, 2011, p. 21).

A atividade da contação de histórias necessita ser planejada e, como uma prática pedagógica, deve ser programada previamente através de pesquisas e

estudos pelos educadores pedagogos, com o objetivo de trazer para o educando meios de desenvolver o processo da leitura e escrita, formas de levá-los a adquirirem a autonomia para a leitura e, nos anos seguintes à da alfabetização, os estímulos necessários para que gostem da atividade de ler. Deve-se levar em conta que não é no início da vida escolar que define um educando será ou não um bom leitor e redator. Nessa fase se dá o compromisso do educador com sua prática docente: o desafio de construir leitores a partir da alfabetização ou mesmo antes dela, já que ao adentrar a escola, o educando passa ao mundo do saber formal. Sciliar-Cabral (2003, p. 20) afirma que: “nos primeiros anos de escola que se decide fundamentalmente quem será um bom leitor ou redator”.

O processo de alfabetização compreende o aprendizado das habilidades que permitem ao educando desenvolver a aquisição da leitura e da escrita e a compreensão do que leu e do que escreveu. É um seguimento contínuo onde a leitura e interpretação devem ser feitas de modo tranquilo pela criança. Não se deve enfatizar apenas um aspecto em detrimento de outro. Ler, interpretar e compreender são conhecimentos interligados que trazem oportunidade de expressão por parte do educando. É o momento onde o educando pode falar da sua realidade, identificar objetos do mundo que o cerca. (KRAMER; ABRAMOVAY, 1983)

A criança, uma vez rodeada de objetos que possuem nome, cor, formato, identifica-os por meio dos símbolos que eles representam para ela. Um exemplo disso é quando a criança que ainda não lê, identifica placas ou embalagens com seus nomes corretos. Isso é possível pelo processo conhecido por letramento. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999) a aprendizagem da escrita se dá através de um processo de construção mental onde a criança cria suas próprias regras. As autoras abordam conceitos relevantes aos educadores alfabetizadores acerca da construção desse processo.

“Entendemos por processo o caminho que a criança deverá percorrer para compreender as características, o valor e a função da escrita, desde que esta se constitui no objeto da sua atenção, portanto, do seu conhecimento.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p.18).

Aprender a ler e a escrever não se constitui em uma atividade de apenas decodificar símbolos, repetir traçados de letras, mas vê-las com significado. De

acordo com Freitas (2012), a leitura como prática social, vai além das letras na sala de aula:

A leitura como prática social é sempre um meio e nunca um fim. Ler é uma necessidade pessoal. Uma prática de leitura que não desperte o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente e despertar a curiosidade de leitores requer condições favoráveis para a prática de leitura e escrita (p. 239).

Divertida, interessante, é um convite aos olhos desses jovens educandos, para que possam percorrer esse mundo imenso e cheio de aventuras a que se propõe o universo da literatura infantil, por meio dos “livros de histórias”, como são chamados pelas crianças, fazendo parte do universo da sala de aula. É grande a importância de criar na criança esse hábito, definindo que a leitura é “artigo de primeira necessidade” e ao adquirir esse saber, ela buscará a força da palavra por si mesma (ALMEIDA, 2006).

Nas palavras de Seibert (2012), há referências sobre a importância que o aprendizado da leitura traz ao educando, e o educador pedagogo deve então, sempre que possível, mostrar claramente em sala de aula.

A leitura faz com que o aluno aprenda novas culturas, novos valores, estabelece relações com a sua forma de pensar e ajuda na imaginação e no despertar para uma nova leitura. Se o aluno não sair-se muito bem em outras atividades, mas tornou-se um praticante da leitura, a escola cumpriu em grande parte seu papel. Ser leitor é ter um caminho de descoberta e compreensão do mundo, por isso é importante que a formação literária da criança comece cedo, prosseguindo em gradativo aprofundamento até o final do seu ciclo de estudo na escola e se estender na fase adulta. Isto será possível se o indivíduo tiver a oportunidade de ter um convívio contínuo com o livro por toda a vida. (SEIBERT, 2012).

A formação docente deve ser um dos fundamentos para que as salas de aula ou outros espaços das instituições educacionais estejam com livros acessíveis aos leitores iniciantes. Em todas os anos deve haver o incentivo para a leitura dos livros sem que se torne uma atividade cansativa, repetitiva e sem planejamento, como uma forma de entreter a classe e preencher horas vagas. Varais, cestos, caixas, estantes de livros acessíveis aos educandos devem estar sempre ali, estrategicamente perto dos alunos para que sintam vontade de folhear, observar as imagens e assim ir desenvolvendo o manuseio de passar uma folha após outra, olhar a forma da letra. É aí o começo da leitura pelo próprio educando, sem necessitar de um mediador.

O hábito da formação de leitores surgirá da prática, desde que feita com gosto, diversão, despertando interesse, demonstrando que é um recurso para aprender novos conteúdos, conhecer novos assuntos no caminho dos saberes que despertam a cada dia nos trabalhos das salas de aula onde educandos descobrem as letras, as palavras e o mundo da leitura.

### **3 EDUCAÇÃO INFANTIL AO 5º ANO DA 1ª FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL: TRABALHANDO A LEITURA**

Ao iniciar a fase escolar, a criança já traz consigo uma leitura do mundo que a cerca, a leitura informal de símbolos como placas, letreiros, embalagens, que ela associa ao que representam. Desta forma, a criança sem estar de fato alfabetizada, sem saber decodificar os códigos que as letras representam, princípios que norteiam o conceito de alfabetização, está inserida em seu contexto de mundo, do seu mundo, de tudo o que faz parte de sua vida e do seu cotidiano, podendo interagir com este meio e fazer parte dele.

Para Soares (2008), o termo alfabetização refere-se à aquisição da leitura e escrita, de forma sistemática feita nas escolas.

[...] etimologicamente, o termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar habilidades de ler escrever; pedagogicamente, atribuir um significado muito amplo ao processo de alfabetização seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza, na configuração das habilidades básicas de leitura e escrita, na definição da competência em alfabetizar (SOARES, 2008, p. 15).

Lerner (2002), afirma que ensinar a ler e a escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido estrito. O desafio tem a ver com incorporar os educandos à cultura do que está escrito, fazendo com que sejam membros plenos da comunidade de leitores e escritores. Ou seja, nem os educadores e nem os pais devem se dar por contentes quando o processo se inicia e vai progredindo no desenvolvimento da aprendizagem da leitura e escrita. É preciso mais: fazer uso disso com autonomia e competência não só por obrigação, mas por prazer. É esse prazer que formará o leitor. A literatura infantil é, portanto, fundamental, para criar o hábito da leitura, ou mesmo reforçá-lo em educandos que já têm em sua rotina o “ouvir histórias”. Nesse instante, passam a ler sozinhos, escolhem as suas histórias preferidas e podem contá-las.

#### **3.1 A SALA DE AULA É ESPAÇO PARA LEITURA EM TODOS OS ANOS DA 1ª FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

A leitura do livro literário, não deixará de ser parte das aulas. Tendo seu lugar dentro das escolas, nos “varais literários”, nas bibliotecas pequenas ou bem

construídas, em uma pequena estante, em cestos, desde a mais simples instituição de ensino à mais moderna.

Aos livros a chegada da tecnologia propiciou um avanço nítido nas editoras com a publicação através de recursos inovadores, mais cores, texturas variadas em papéis, mencionando também os livros digitais que proporcionam um novo contato com a outra ferramenta, o computador. Fazer uso dessa moderna máquina em sala de aula é outro recurso para estimular a curiosidade de educandos, despertando-lhes o desejo pela leitura. Afinal, a curiosidade é um traço do desenvolvimento saudável da criança, como explica em suas palavras, Cristina Locatelli (2002):

A curiosidade é saudável e necessária. É ela que leva à compreensão de si, do outro e do universo. Quando incentivada por pais e educadores, faz com que a criança queira, cada vez mais, adquirir novos conhecimentos. Se não for encorajada pode gerar falta de confiança, medo e até sentimentos repressivos.

A primeira Fase do Ensino Fundamental destina-se à conclusão do processo inicial e formal que traz o ano da pré-alfabetização em si. O objetivo dessa fase é que o aluno seja alfabetizado com qualidade e compreensão dos conteúdos lidos. Dessa forma, todas as salas de aula dos anos dessa fase deveriam ser espaços destinados ao exercício prazeroso da leitura, feito com o apoio e incentivo do educador pedagogo. Para que tal atividade seja realizada, é imprescindível que haja um planejamento de tarefas com uma abordagem criativa para que esse momento não seja entendido como uma recreação, secundária e de menor importância. É o que adverte Cagliari (1990):

A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atividade para a qual a professora e a escola não dedicam mais que uns míseros minutos, na ânsia de retornar aos problemas da escrita, julgados mais importantes. Há um descaso enorme pela leitura, pelos textos, pela programação dessa atividade na escola; no entanto, a leitura deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela, e não a escrita, será a fonte perene de educação, com ou sem escola (p. 173).

A sala de aula não se restringe apenas à prática de alguns momentos de leitura mecânica, seguindo livros adotados como material didático com as tarefas escolares sistematizadas. Compreende-se que muitas vezes o excesso de

conteúdos destinados a cada ano deixa pouco tempo livre para o exercício da leitura. Porém, deve haver espaço para que a leitura seja feita nos livros literários de uma maneira onde o educando possa sentir vontade de ler, verificar, apreciar, investigar o livro que deve estar estrategicamente acessível, ao alcance de suas mãos.

Aqui o papel do educador deve ser o de incentivador do hábito da leitura que vai se delineando, formando o futuro leitor. Sabendo do valor que tem esse saber, tanto na formação escolar quanto para a vida futura do educando, é necessário que seja feita uma prática de leitura com a capacidade analítica, crítica para proporcionar ao leitor meios de se posicionar na sociedade em que vive. Sobre isso, Scharf (2000) comenta:

Podemos dizer que a leitura tem várias finalidades dentro da sociedade: lê-se para conhecer, para ficar informado; para fantasiar e imaginar; lê-se para achar soluções de problemas e ainda lê-se para criticar, e dessa forma, melhorar seu posicionamento diante dos acontecimentos e das ideias que circulam através do texto. Precisamos de leitores que conheçam na literatura seu valor social e que, acima de tudo, aprendam a falar com o texto e, através dele, estabeleçam reflexões para a vida; que também encontrem em suas leituras oportunidades de prazer e de lazer. Há algum tempo o leitor era instruído apenas para decodificar sinais gráficos, através de questionários, resumos ou preenchimentos de fichas de leitura. Hoje busca-se o leitor criador, crítico e contestador. Não se quer mais o texto decodificado e sim recriado e ampliado. Para isto acontecer precisamos de um novo encaminhamento na leitura (SCHARF, 2000, p. 52).

Enfatizando a ideia de Scharf (2000), Silva (1998) alerta sobre a condição democrática que a leitura deve carregar em si. Ela, enquanto atividade de

questionamento, conscientização e libertação gera uma série de implicações, principalmente quando a vinculamos com organizações sociais, onde a leitura aparece e se localiza, dificulta ou facilita o surgimento de homens-leitores críticos e transformadores. É preciso saber enfim se o objeto da leitura (livro ou similar) circula democraticamente numa sociedade de modo a permitir sua fruição por parte dos homens que constituem essa sociedade. Tais necessidades revelam que o problema da leitura não se desvincula de outros problemas enraizados na estrutura social (SILVA, 1998, p. 22)

Ressalta-se que a leitura jamais deve ser aplicada como punição por indisciplina. Isso pode gerar o equivocado sentido de punição para uma atividade que deverá ser prazerosa e um meio de desenvolvimento e crescimento dos alunos. Além disso, tal prática pode fazer com que o educando tenha repulsa do livro literário, por compreender que essas obras sejam exigidas e impostas pelo professor apenas para cumprir uma tarefa “chata” e cansativa. Respeitando os aspectos

cognitivos de cada faixa etária da 1ª Fase da Educação Fundamental, cada sala de aula deve receber o momento de leitura com alegria, com entusiasmo. A leitura somente se tornará hábito se for feita continuamente, em todos os dias possíveis na sala de aula, para que em casa seja também feita pelo educando, com compreensão, dedicação e satisfação por uma tarefa que se tornará um hábito futuro.

Barbosa (1994), explica como é necessário o exercício da leitura e a compreensão por educadores e pais das dificuldades que o educando enfrenta ao se apropriar desse saber, principalmente se tal educando não tiver os subsídios necessários para um desenvolvimento tranquilo desse aprendizado. Enquanto não entender o que está lendo, compreender e assimilar o conteúdo, sendo esse de acordo com sua idade e sua capacidade, o educando não sentirá motivado a ler:

Não se dispõe de fórmulas para garantir que a leitura seja compreensível e prazerosa. Sabe-se, entretanto, que há várias maneiras de dificultar a compreensão e o prazer na leitura: se orientarmos a criança para a concentração em detalhes visuais, se fornecermos fragmentos de textos incompreensíveis ou amontoados de frases sem real significado de comunicação, se exigimos que ela responda a questões após a leitura, se lhe pedimos para oralizar palavras em detrimento do sentido. Ou seja, o ponto comum de todas essas atitudes de ensino que dificultam a aprendizagem de leitura é a limitação da quantidade de informações não visuais a que a criança pode recorrer enquanto lê (BARBOSA, 1994, p. 138).

Nas palavras de Martins (1994), o livro pode e deve ser manuseado pelo educando a fim de permitir, por meio deste contato, mais intimidade com o desenvolvimento do processo da leitura. O livro deve ser mais que um objeto que faz pesar a mochila do educando, é um mundo em suas mãos. O educador deve estimular a curiosidade, a vontade de folhear o livro, e, de enfim, ler o que está ali escrito. O primeiro contato com esse objeto é uma prática sensorial, determinando que a leitura não seja feita somente com o olhar; mas com os sentidos num primeiro momento, quando o educando está iniciando o processo de aquisição da aprendizagem da leitura, pois mesmo antes da decifração dos sinais linguísticos contidos no livro, esse educando lê com seus sentidos aliados às suas emoções e ao seu intelecto e inicia assim o delinear de significados:

O livro, esse objeto inerte, contendo estranhos sinais, quem sabe imagens coloridas, atrai pelo formato e pela facilidade de manuseio, pela

possibilidade de abri-lo, decifrar seu mistério e ele revelar – através da combinação rítmica, sonora e visual dos sinais – uma história de encantamento, de imprevistos, de alegrias e apreensões (MARTINS, 1994, p. 42-43).

A literatura infantil ganha aqui o seu espaço como instrumento de estímulo ao educando para despertar-lhe o interesse em ler. Ler vai além de decodificar símbolos, é aprender sobre algo, é assimilar conteúdos, conceitos, conhecer-se, reconhecer-se. É estar capacitado para criticar, analisar. A leitura perpassa a vida do aluno desde o momento em que ele inicia sua aprendizagem, ele leva consigo esse saber e pode assim modificar, transformar, construir sua história de vida.

### 3.2 A LITERATURA INFANTIL NOS DIAS ATUAIS: UM VALIOSO INSTRUMENTO NAS MÃOS DE EDUCADORES E EDUCANDOS

Os problemas concernentes a educação brasileira é variado, em grande quantidade nas inúmeras instituições de ensino do país, repetidos, parecendo não haver solução. Das muitas dificuldades encontradas, pode ser mencionada a falta de verbas ou sua utilização de maneira equivocada.

Em 04 de outubro de 2013, a Lei nº 12.796 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96. Ficou estabelecido a permanência da criança na escola dos 4 anos de idade aos 17 anos, quando termina a Educação Básica, garantindo sua formação desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Deveria haver condições em relação ao tempo de permanência do educando dentro das escolas, com o objetivo da aquisição da leitura e da escrita, como sendo prioridades da educação.

A educação caminhou no tempo, mas não deixou de ter problemas como a evasão escolar, leitura deficiente que foi verificada e anunciada pela mídia. Nas escolas ainda é presente esta triste realidade.

Rangel (2005) criticou a maneira como leitura era feita e avaliada nas escolas. A abordagem que é dada ao ato da leitura feita em sala de aula, se refletirá no desempenho de cada educando frente a sua construção do hábito da leitura, pois

ele está em processo de desenvolvimento dessa aprendizagem. É necessário que o educador esteja atento ao comportamento do aluno em sala de aula frente ao momento que é destinado a essa atividade, e, conseqüentemente, ao hábito de leitura que será desenvolvido.

Ao refletir sobre a prática da leitura na escola, questiono a leitura marcada pelo certo/errado, que legitima uma abordagem da leitura estruturalista, ignorando a experiência de vida, a história e a prática linguística dos alunos. (RANGEL, 2005, p.142).

Os problemas em relação à leitura especificamente são mencionados por serem presentes no cotidiano das escolas. Para Salles e Parente (2006), são problemas que envolvem o momento dessa aprendizagem e de sua prática nos anos posteriores. Segundo os autores, foi possível detectar que os problemas são identificados por dificuldade na leitura e escrita quando do reconhecimento de palavras, troca de fonemas, compreensão do conteúdo lido, mesmo por educandos que não apresentavam aspectos comprometedores quanto a cognitivo. Foi observado que os educandos recém-alfabetizados apresentaram uma leitura sem cadência, ritmo e com a presença de soletração. Também se constatou trocas de letras e, principalmente, a falta de compreensão do que foi lido. Os educandos das séries do 2º e 3º Anos da 1ª Fase do Ensino Fundamental apresentaram o mesmo tipo de problema, o que causou surpresa pelo fato de não terem tido condições de sanarem as questões mesmo com o avanço da idade cronológica, e, conseqüentemente, desenvolvimento do vocabulário e amadurecimento em geral para compreensão do conteúdo lido e capacidade de escrever pequenos textos.

As dificuldades da leitura e escrita em crianças são tema de interesse multidisciplinar, nos meios educacionais, acadêmicos e clínicos. As estatísticas governamentais, como as demonstradas pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), em 2003 (INEP, 2004), e o cotidiano das escolas mostram um quadro preocupante em termos de desempenho em leitura no Ensino Fundamental (SALLES; PARENTE, 2006, p. 153).

Cabe ao educador pedagogo a tarefa criativa de práticas pedagógicas fundamentadas que promovam ao educando o desejo de ler, instiguem sua curiosidade, estimulem sua busca por novas histórias, novos mundos dentro dos livros. A riqueza da literatura infantil é visível. Ela também oferece ao educando um caminho ainda não percorrido que ele mesmo irá delinear a partir da primeira página

do texto. O professor que é um leitor, tem seu próprio exemplo para demonstrar ao aluno como essa atividade é prazerosa, podendo então torná-la mais desejada pelo educando.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil é um gênero criado em meio a críticas, aceitação, recusa, conflitos, que se firmou tornando atualmente uma ferramenta nas mãos de educadores nas salas de aula. É importante entender que é um meio de chamar a atenção do educando, além das leituras nos livros didáticos e assim desperta-lhe o interesse pela prática.

O gênero literatura infantil no Brasil teve sua história iniciada com influência de culturas distintas como a indígena, a africana e a europeia trazida pelos portugueses inicialmente. Ao longo dos anos esse gênero literário se estabeleceu e está na maioria das salas de aula, de quem está começando a dar os primeiros passos na leitura sem um mediador. A contação de histórias em casa é relevante para despertar o desejo do ouvir, para depois, na escola, aprender a ler histórias.

Com o avanço tecnológico os livros ganharam novas texturas e cores, conteúdos atraentes e assuntos variados são abordados. Esses textos não foram esquecidos em detrimento da chegada dos computadores nas mãos das crianças. Pode ser lido dentro dessas máquinas, mas não deixa de ser momento em que a prática da leitura promove o crescimento e o progresso do aluno.

Ao término deste trabalho, foi possível verificar no material pesquisado que muito ainda falta para que a leitura se apresente como uma atividade que envolva um número maior de educandos nas salas de aula. Torna-se fundamental que seja percorrida em tempo de compreensão e assimilação de cada ano destinado a alfabetização e sua consolidação, para que possa haver desejo em se tornar um leitor.

Diante da realidade encontrada, podem-se propor meios para despertar no educando o desejo pelo mundo da leitura fazendo com que ela se torne um hábito prazeroso, desde que se obtenha uma formação com qualidade para uma leitura que permita um posicionamento do leitor criança com opiniões próprias. Observou-se nas leituras de materiais de pesquisa para a elaboração desse estudo, que depende muito das práticas pedagógicas para que o educando possa se interessar pela leitura além dos livros didáticos que promovem exercícios para os conteúdos trabalhados em cada ano. Essas práticas devem estar imbuídas de imaginação, originalidade para despertar o desejo de ler e aprender o que o livro

traz, por fazer as viagens ao mundo fantástico de inúmeras aventuras proposto pela leitura.

Cabendo ao educador, ser o incentivador do educando tendo como aliado a literatura infantil, despertando-lhe o interesse em ler. O primeiro passo ocorre quando a criança é uma ouvinte de histórias. Quem ouve histórias, quer lê-las. As ferramentas estão ao alcance dos educadores, basta haver vontade, persistência e paciência. Desenvolver o hábito da leitura, não é uma árdua tarefa quando se tem antes de tudo amor pelo que se faz, dedicação e respeito pela profissão, na esperança de que cada ação poderá ser transformadora de vidas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1991.

AFONSO, Maria Aparecida Valentim. **Formação de Professor: contação de histórias e mediação de leitura**. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. 2014. Trecho de Monografia. Disponível em: <[www.editorarealize.com.br/.../74ff55c2efc05f35e537d2a639bd9637\\_554\\_383\\_.pdf](http://www.editorarealize.com.br/.../74ff55c2efc05f35e537d2a639bd9637_554_383_.pdf)> Acesso em 22 fev 2017.

ALMEIDA, Inajá Martins de: **Retalhos de Leituras (extrato de texto em composição)**. 2006. [Artigo online]. Fundação Educandário Coronel Quito Junqueira. ONG Educare Est Vita. Disponível em: <[http://www.amigosdolivro.com.br/lermais\\_materias.php?cd\\_materias=3523](http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=3523)>. Acesso em 16 fev 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Literatura Infantil**. In Confissões de Minas. Literatura Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar Editora. 1994.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

BARROS, Paula Rúbia Peloso Duarte. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição da leitura**. Lins, 2013. 53p. Monografia. Disponível em: <<http://www.unisaesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56015.pdf>>. Acesso em 18 dez 2016.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1980.

BRANDÃO, A.C.P.; ROSA, E.C.S. **Ler e escrever na Educação infantil: discutindo práticas pedagógicas** / Ana Carolina Perrusi Brandão, Ester Calland de Sousa Rosa, organização. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Pacto Nacional pela alfabetização na Idade Certa. **Medida Provisória nº 586, de 08 de novembro de 2012**, Dispõe sobre o apoio técnico e financeiro da União aos entes federados no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, e dá outras providências. Disponível em: <[http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/mp\\_586\\_pacto.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/mp_586_pacto.pdf)>. Acesso em 20 jan 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. **Lei nº 12. 769 de 04 de abril de 2013 sobre: Do Direito à Educação e do dever de educar**. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=757>>. Acesso em 18 jan 2017.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil.** São Paulo: Brasiliense 1994.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística.** 2. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Compêndio de literatura infantil.** São Paulo: IBEP. 1955.

\_\_\_\_\_. Barbara Vasconcelos. **Literatura Infantil: Visão histórica e crítica.** 2º ed. São Paulo, Ática, 1982.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infanto/juvenil.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo.** 5. ed. São Paulo: Manoele, 2010.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil.** Curitiba: Ibpex, 2007. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/>>. Acesso em 16 fev 2017.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática.** 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FONSECA, Fernanda Cristina de Oliveira. **A importância da literatura infantil na formação de alunos leitores.** Monografia. Faculdade de Pará de Minas. Mg. 2012. 45 p. Disponível em: <[http://fapam.web797.kinghost.net/admin/monografiasnupe/arquivos/18072016191445FERNANDA\\_CRISTINA.pdf](http://fapam.web797.kinghost.net/admin/monografiasnupe/arquivos/18072016191445FERNANDA_CRISTINA.pdf)>. Acesso em 20 dez 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 29. ed. Editora Cortez, São Paulo. 1994.

FREITAS, Andreza Gonçalves. **A importância da Literatura Infantil no Processo de Alfabetização.** Trabalho de conclusão de Curso de Especialização em Didática Interdisciplinar. Faculdade Municipal de Palhoça, 2012. 239 páginas. Disponível em: <[www.periodicos.uesb.br/index.php/article/viewFile/1589/1461](http://www.periodicos.uesb.br/index.php/article/viewFile/1589/1461)>. Acesso em 24 fev 2017.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico: explicitação das normas da ABNT**. 17. ed. rev. atual. Porto Alegre: Dactilo Plus, 2015.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

KRAMER, Sonia; ABRAMOVAY, Miriam. **A pré-escola alfabetiza?** Brasília, 5. ed. 1983.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.

\_\_\_\_\_. Literatura infantil brasileira e estudos literários. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 36. Brasília, julho-dezembro de 2010.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed. 2002.

LOCATELLI, Cristina. **Agressividade infantil: relax e reprogramação emocional para crianças; um guia para pais e educadores, professores e futuros pais** - São Paulo; Editora Sucesso, 2002.

LOURENÇO FILHO. Como aperfeiçoar a Literatura Infantil *in Artigos e Opiniões*. Boletim da FNLIJ, nº 30.

MARAFIGO, Elisangela Carboni. **A Importância da Literatura Infantil na Formação de uma sociedade de leitores**. Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí. 2012. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Elisangela-Carboni-Marafigo-Padilha.pdf>>. Acesso em 03 fev 2017.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

MATEUS, A.N.B.; SILVA, A.F.; PEREIRA, E.C.; SOUZA, J.N.F.; ROCHA, L.G.M.; OLIVEIRA, M.P.C.; CUNHA, S.S. **A importância da contação de história como prática educativa na Educação Infantil**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC. Artigo. 16 páginas. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227>>. Acesso em 18 jan de 2017.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MEIRELLES, Elisa. **Literatura na Educação Infantil: para começar, muitos livros**. 2010. [Artigo via internet]. S/p. Disponível em: <[revistaescola.abril.com.br/educação-infantil-começar-muitos-livros-584120.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/educação-infantil-começar-muitos-livros-584120.shtml)>. Acesso em 20 fev 2017.

PAÇO, Glaucia Machado de Aguiar. **O encanto da literatura infantil no CEMEI Carmem Montes Paixão**. Monografia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. 2009. 50 p. Disponível em:

<[http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra\\_PACO.pdf](http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra_PACO.pdf)>. Acesso em 14 fev 2017.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?** Dissertação. Universidade Estadual de Londrina. 2011. 131 páginas.

Disponível em: <

[http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011\\_-\\_RAMOS\\_Ana\\_Claudia.pdf](http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-_RAMOS_Ana_Claudia.pdf)>. Acesso em 22 fev 2017.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na Escola**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, p. 142.

RIBEIRO, Elisa. **A contribuição da contação de histórias para a aprendizagem na Educação Infantil**. Monografia. Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba. 2010. 29 páginas. Disponível em: < <http://tcconline.utp.br/wp-content/uploads/2012/07/A-CONTRIBUICAO-DA-CONTACAO-DE-HISTORIAS-PARA-A-APRENDIZAGEM-NA-EDUCACAO-INFANTIL.pdf>>. Acesso em 18 fev 2017.

SALLES, J.F.; PARENTE, M.A.P.P. Compreensão textual em alunos de segunda e terceira séries: uma abordagem cognitiva. **Estudos de Psicologia**, v. 9, nº 1, 2006, p. 153.

SANTOS, Célia de Jesus. **A Contribuição da Literatura Infantil da Formação do pré-leitor no Centro Municipal de Educação Infantil Dr. Álvaro da Franca Rocha**. Monografia. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Bahia. 2009. 61p. Disponível em: <[www.uneb.br/salvador/.../Monografia-CELIA-DE-JESUS-SANTOS.pdf](http://www.uneb.br/salvador/.../Monografia-CELIA-DE-JESUS-SANTOS.pdf)>. Acesso em 02 jan 2017.

SCHARF, Rosetenair Feijá. **A Escola e a Leitura: prática pedagógica da leitura e produção textual**. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Dissertação. Tubarão. SC. 2000. 205 p. Disponível em: <[http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/06\\_12\\_2011\\_11.30.14.70026e3210fab816595ac3b52a394f2f.pdf](http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/06_12_2011_11.30.14.70026e3210fab816595ac3b52a394f2f.pdf)>. Acesso em 17 dez 2016.

SCLIAR-CABRAL, L. **Guia prático de alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2003.

SEIBERT, Maria das Graças Souza Silva. **Leitura espontânea e prazerosa: Uma conquista na formação de leitores**. Pesquisa de campo para saber quais os fatores que levam os leitores a frequentarem a sala de leitura do Projeto PROLER. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Itapetinga. 2012. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/educacao/leitura-espontanea-prazerosa-uma-conquista.htm>>. Acesso em 20 fev 2017.

SILVA, Auricélia Lima da; BARROS, Rosiane Bento; NASCIMENTO, Thiago Alves Moreira. A Importância dos Contos de Fadas na Educação Infantil. **IV Fórum Internacional de Pedagogia**. Parnaíba, PI. 2012. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012. Disponível em: < [http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/5e5468d712b760f00aa4c978d7cf43ed\\_479.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/5e5468d712b760f00aa4c978d7cf43ed_479.pdf)>. Acesso em 02 jan 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de leitura do Brasil, 1998.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SOUZA, L.O.; BERNARDINO, A.D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **UNIOESTE** – Campus De Cascavel. Vol. 6; nº 12; Jul./dez; 2011. p. 235-249. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/.../4643/4891>. Acesso em 25 jan 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.